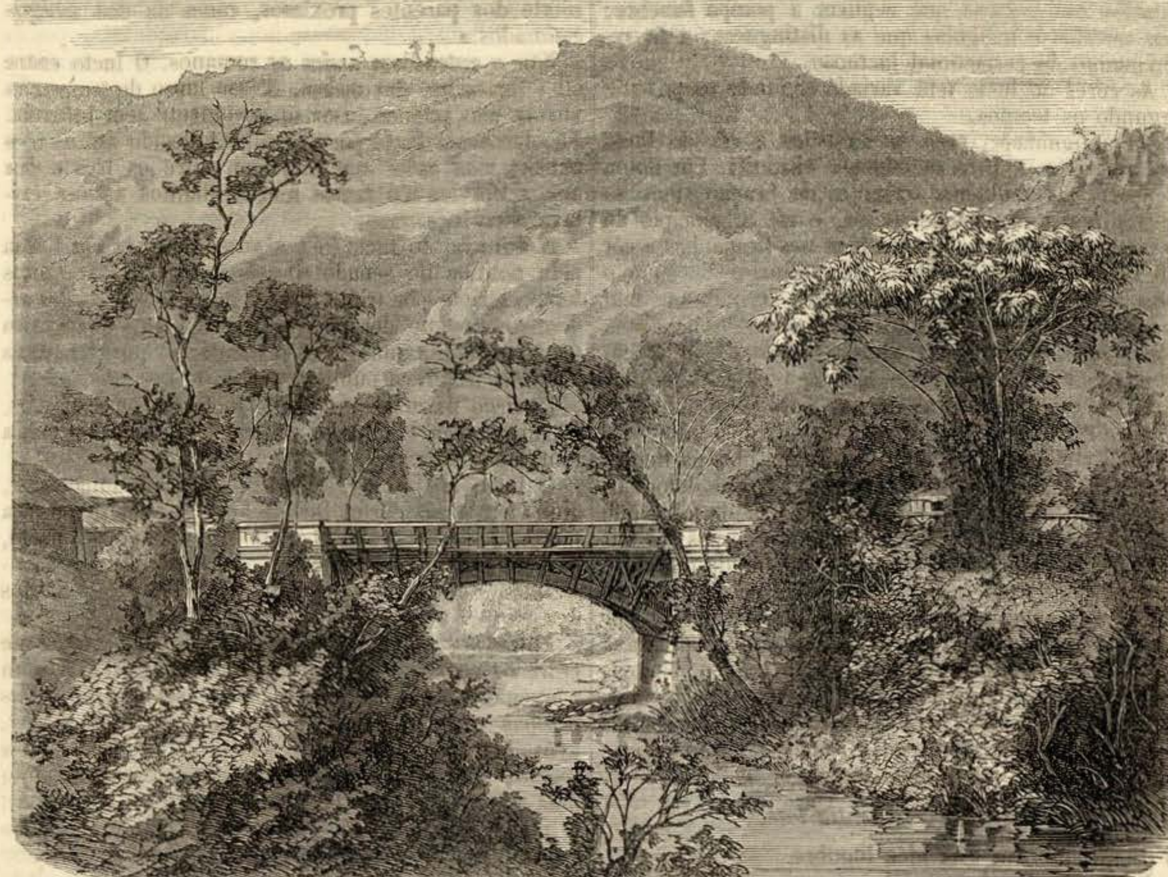


Ponte de João Carlos, na estrada de Petropolis ao Juiz de Fóra (Brasil).

Esta ponte, pequena e rustica, mas gentil pelas galas com que a circunda a natureza, dá passagem á estrada normal de Petropolis ao Juiz de Fóra.

Temos fallado largamente em differentes volumes d'este jornal [1] ácerca d'esta magnifica estrada, a que bem quadra o epitheto de monumental, tanto pela grandiosidade da construcção, como pelos importantissimos interesses agricolas e commerciaes que protegeu, beneficiando-os e dando-lhes poderoso impulso.

Pelas gravuras que tem acompanhado esta serie de artigos, os nossos leitores tem conhecimento das principaes obras de arte com que a companhia constructora, União e Industria, enriqueceu e adornou essa bella via, que prendeu em intimas relações as duas ricas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes.

A ponte de João Carlos é, sem dúvida, a mais singela e modesta edificação que o viajante encóntra nas obras geraes d'essa estrada. Porém, se não póde competir com as suas irmãs na grandeza e custoso da fabrica; se não ostenta excellencias de arte, como, entre outras, a grande ponte d'Entre Rios ou do Parahyba; se, em vez de espelhar-se em um rio de ampla corrente, apenas atravessa um pobre ribeiro, que vae correndo em estreito alveo, apertado por ingrémes encostas, tem uma compensação nas bellezas naturaes do quadro em que tão graciosamente figura.

A elevação das fragosas margens do ribeiro faz mui limitado o painel; mas esses proprios accidentes do terreno, juntamente com a pontesinha de madeira lançada através d'elles, e com as arvores que os assombram e as plantas que os vestem, esbeltas de porte, opulentas na vegetação e variadas na folhagem, constituem uma linda perspectiva, uma d'essas paizagens pittorescas e verdadeiramente encantadoras, que o poeta e o pintor, nos devaneios de imaginosa phantasia, se aprazem de crear e debuxar.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 113, 129, 175 e 318 de vol. VII; 97 e 329 do vol. VIII; 217 e 265 do vol. IX.

OS GENIOS DA ASTRONOMIA MODERNA

KEPLER

(Conclusão. Vid. pag. 362)

IX

Como dissemos anteriormente, a grande felicidade de Kepler foi o fazer certos desprezos, sem os quaes não poderia chegar á determinação das suas leis, a não ser que previamente conhecesse a theoria geral da gravitação.

Em primeiro logar, partiu elle da hypothese de que a Terra descrevia uma circunferencia, o que é erro. Felizmente, porém, esta circunferencia differe muito pouco da ellipse verdadeira, a qual tem pequena excentricidade, e, portanto, o erro não foi de vulto.

Disse Kepler que Tycho não podia commetter um erro de oito minutos; e, portanto, que Marte tambem não podia descrever uma circunferencia. Dêmos que Tycho não commettia, não já um erro de oito minutos, senão de oito segundos. Dêmos que as observações feitas n'aquella epocha tinham attingido o grau de perfeição de hoje. Sabemos todos que, em virtude

da grande descoberta de Newton, todos os corpos se attraem mutuamente, e, portanto, que no estudo de um d'elles é necessario attender a todas essas perturbações reciprocas, que fazem com que as curvas orbiculares sejam empenadas, isto é, estejam em mais de um plano. O que se seguiria, pois, das observações rigorosas? É que Kepler, do mesmo modo que rejeitou a orbita circular por causa do erro de oito minutos, rejeitaria a orbita elliptica pelo de alguns segundos, e cada vez se iria afastando mais da verdade. Ha, pois, erros providenciaes, e este foi um d'elles. Ou Kepler havia de ser Newton, e só houve um, ou havia talvez de morrer em um hospital de doidos.

Quizeram alguns enthusiastas de Kepler dar-lhe a honra do descobrimento da gravitação. Injustiça é essa que a historia increpa. Kepler andava imbuido de certas theorias demasiado pythagoricas, e não temia dar uma alma a cada planeta, a qual o obrigava a mover-se ellipticamente. D'aqui á attracção vae um abysmo. Verdade é que Kepler pensou um dia em uma força residente no Sol, que mantinha os planetas; mas este lampejo esvaeceu-se logo, e a theoria da racionalidade dos corpos mereceu-lhe todos os carinhos. E de feito, Kepler foi o Pythagoras da astronomia moderna.

Para que Kepler podesse chegar á attracção era necessario que soubesse mecanica, era necessario que houvesse florescido depois de Galileu, Huyghens e Descartes. Essa foi a boa estrella, a immensa felicidade de Newton.

Voltemos, porém, a Kepler e aos seus trabalhos. Findára a epocha de paz e socego; começára a perseguição, a fome e a nudez de envolta com invejas mesquinhas, sarcasmos irritantes, insultos de rivaes, que se offuscavam da gloria do grande homem. Os proprios herdeiros de Tycho atacaram Kepler, e Longomontano chegou a dizer-lhe com acre azedume mal temperado de doçuras hervadas: «Escusas de te cançar, que ninguem te prefere ao sabio Tycho.» Estas são as provações do genio, a sua corôa de espinhos. A gloria compra-se sempre com o soffrimento.

Morreu o imperador Rodolpho, e o seu successor, descuidoso da sciencia, afogado em guerras cruentas, que tornaram a Allemanha, segundo a expressão de Schiller, um vasto armazem de viveres, não mais estipendiou o observatorio de Praga.

Kepler, carregado de familia, acceitou uma cadeira em Linz para ganhar amargo pão.

Perseguiam-n'o, porém, as desgraças como furias implacaveis. A pobreza com o seu cortejo de lagrimas batia-lhe á porta. Morrendo-lhe a virtuosa esposa, cercado de numerosa prole, contrahindo novo consorcio para dar arrimo aos filhinhos, luctando sempre, soffreu de repente um grande golpe com a morte de uma filha, que era o enlevo dos seus olhos, o espelho da sua alma.

Caíu então em um desespero sombrio e medonho. Era-lhe o mundo um cemiterio; cercavam-n'o visões funebres; ouvia por toda a parte, nos ceos e na terra, canticos de morte.

Os soffrimentos que curtiu n'essa epocha nefasta venceu-os como homem forte e de coração largo. Ergueu-se como Anteu, alevantou-se e subiu tão alto, que esqueceu as miserias terrenas, a fome, o desamparo, as tristezas que o accommettiam, os lamentos dos filhos, os gritos roucos e afflictivos da velha mãe; cerrou os ouvidos a esse concerto infernal de guerras e morticinios que ensanguentavam a Allemanha; esqueceu-se do tripudio dos combates, do clarão dos incendios, das matanças e saques, e embebeu-se nas supremas harmonias dos mundos.

É então, nos ultimos annos da vida, que Kepler se ostenta em todo o seu esplendor: seraphico porque era um sacerdote da sciencia, severo porque comprehendia o grandioso espectaculo dos mundos. Voltando-se para Pythagoras, abraçando-se com a natureza, entendendo as vozes canoras e mysteriosas da creação, que se alevantam nas sidereas ondas como uma oblata sacrosanta, como um incenso religioso no templo universal, Kepler escreveu o seu melhor livro, *Harmonices mundi*, que ainda hoje, após tantos annos de estudo e descobertas, assim em philosophia como em sciencia, é o espanto e admiração dos que o lêem.

A geometria, esse instrumento de Euclides e Archimedes, recebeu novos augmentos sob a poderosa influição do genio, e a philosophia cosmica tomou de repente proporções grandiosas.

Tudo o que se encontra no Archetypo do universo, diz Kepler em um dos seus arrebatamentos inspirados, póde exprimir-se na conformação das suas partes. Esta these, que a sciencia moderna vae justificando cada dia no estudo das combinações, é o arrojo de um propheta. O heptacordio de Pythagoras, a lyra do universo, convidou depois a pratica intelligencia do astronomo que se propoz mostrar como o homem, imitando o Creador, sabe, nas notas da voz, obedecer á mesma proporção que Deus quiz pôr na harmonia geral dos movimentos celestes.

No *Harmonices mundi*, Kepler tratou de todos os conhecimentos humanos, escreveu uma encyclopedia, e, para cerrar o cyclo glorioso da sua carreira, diz, cheio de nobre orgulho:

«Ha oito mezes que vi o primeiro raio de luz; ha tres que vi o dia; ha mui poucos que vi o Sol da mais admiravel contemplação. Entrego-me ao meu enthusiasmo; quero affrontar os mortaes com a confissão franca de que sonhei os aureos vasos dos egypcios, para erguer ao meu Deus um tabernaculo longe dos confins do Egypto. Se me perdoaes, alegrar-me-hei; se me reprehendeis, curvarei a cabeça. *Alea jacta est.* Escrevo o meu livro. Será lido pela nossa edade e pelas edades futuras. Pouco importa. Não esperou Deus seis mil annos na contemplação das suas obras?»

Ascendendo sempre, sem nunca se perder nas solidões em que o seu raciocinio o guiava, comparando Saturno e Jupiter a dois baixos, Marte a um tenor, Venus a um contralto e Mercurio a um falsete, quando estas divagações o arrastavam para as campinas da phantasia, volta-se de repente ao bom caminho, e, como a aguia levemente ferida, estende as azas para pairar mais á folga, e enuncia sem transição a celebre terceira lei, que é conhecida assim na sciencia:

«Os quadrados dos tempos gastos pelos planetas nas suas revoluções são entre si como os cubos dos eixos maiores das suas orbitas.»

E, como que vencido por este supremo esforço, Kepler, espirito religioso e poetico, entoa um cantico ao Creador, cuja obra magestosa lhe foi dado comprehender.

Diz o grande genio:

«A sabedoria do Senhor é infinita, infinitos são o seu poder e a sua gloria. Ceos, cantae os seus louvores! Sol, Lua e planetas, glorificae-o na vossa ineffavel linguagem! Harmonias celestes, e vós que sabeis comprehendel-as, louvae-o! E tu, ó minha alma, louva o teu Creador. N'Elle e por Elle é que tudo existe. O que nós ignorâmos encerra-se n'Elle, assim como a nossa vã sciencia. A Elle louvor, honra e gloria na eternidade!»

Depois d'este cantico de piedosa suavidade, em que a creatura agradece ao Creador o ter-lhe entremostrado os mysterios harmonicos, Kepler viveu uma vida angustiosa e pouco conforme com o seu caracter singelo.

Os jesuitas, que protegiam o astronomo, apesar de protestante, influiram no espirito do imperador da Allemanha, para que lhe assegurasse um futuro propicio e condigno. Addicto á corte do duque de Friedland como astrologo (posto que tacitamente), o homem que

dera tamanho impulso á sciencia não podia dobrar a cerviz perante a realeza da ignorancia. Aos falsos sabios pertencia já então o mister de adivinho. Passára a era dos Nostradamus e dos Mattheus Laensberg, que eram sabios e charlatães a um tempo. Começava com Kepler a epocha dos verdadeiros sabios que interrogam a natureza ajudados pela razão.

Assim que, o grande Kepler, que fôra dominador dos astros, mal lhe soffria o animo cortejar a rachitica realeza de um principe ignaro, que tinha em maior conta a astrologia do que a astronomia.

Luctando com a pobreza, morreu aos cincoenta e nove annos, no dia 15 de novembro de 1630.

No momento nefasto que aquella vasta e clara intelligencia se apagou nas sombras da morte, certo que a verdade houvera de velar o rosto de dor, se n'esse periodo glorioso não se erguessem tantos homens agigantados, verdadeiros cyclopes, que escalaram o ceo, como disse Tycho Brahe. O Pellion e o Ossa eram para elles um brinquedo.

X

Rematemos este humilde trabalho. É forçoso pôr-lhe ponto, porque assim o estão exigindo as estreitezas de espaço e tempo.

O que fica dito de sobra é para avaliar o muito que a sciencia deve ao celebre pensador allemão. Nascido com uma imaginação férvida e ardente, promiscuamente modesto e altivo, sectario arrebatado das idéas pythagoricas, entrevendo a esthetica através da fórma, applicando o raciocinio puro e a deducção logica sem se prender com as difficuldades apparentes, participando de Leibnitz e Kant, Kepler occupa um logar glorioso no pantheon da historia, como strenuo luctador, que foi, no immenso pleito que corre travado entre o homem e a natureza, desde o momento em que aquelle surgiu á voz da força creadora.

Audaz porque era conscio das proprias forças, mais feliz do que o foi Descartes alguns annos depois, vehemente quando a vehemencia caía de molde, e logo após humilde e prostrado ante as magnificencias da creação, o sabio astronomo, que nunca acceitou um principio que não fosse axiomatico, fundou a astronomia em bases perduraveis, quaes são as tres celebres leis que ficaram como um monumento eterno no meio da eternidade da materia.

Que importa que a sciencia caminhe a passos de gigante sob a influição inspirada de Galileu, Huyghens, Newton e Laplace? A gloria de Kepler ninguem lh'a póde obscurecer. Os mesmos astros, que caminham inflexiveis, como mensageiros do destino, presos fatalmente ás suas orbitas, apregoam a gloria de Kepler, a qual ha de perpetuar-se incolume, e cada vez mais crescida e robusta, á medida que os olhos do homem forem descerrando os mysterios assombrosos d'esses mundos que povoam a solidão.

A. Osorio de Vasconcellos.

ARCHIPELAGO DE CABO VERDE

ILHA DE SANTO ANTÃO

(Conclusão. Vid. pag. 381)

Referimos no artigo antecedente as plantas indigenas da ilha de Santo Antão mais importantes como elementos da riqueza publica. Agora vamos mencionar, d'entre as que alli tem sido introduzidas, aquellas que por sua valia devem ter a mesma classificação.

Estas plantas, depois da mandioca, de duas qualidades de milho (branco e amarello), de muita diversidade de feijão, de inhames e batatas, são a canna de assucar, o café, o tabaco e o cacto da cochonilha.

A introducção da canna de assucar *(saccharum officinalis)*, é de mui antiga data. Modernamente foi introduzida, primeiro na ilha de S. Nicolau, e depois na de Santo Antão, a canna chamada de Guyenna *(saccharum savioluteum)*. Esta especie offerece a grande vantagem de se cultivar em terreno de sequeiro. Com quanto tenha tido algum desenvolvimento na ilha de Santo Antão a cultura da canna, o assucar e a aguardente, que d'ella se extrahem, são consumidos na mesma ilha, em razão da sua qualidade inferior. A producção da aguardente ascende alli a 400 pipas por anno.

Foi a ilha de S. Nicolau a primeira do archipelago de Cabo Verde em que teve começo a cultura do café, que alli se introduziu no anno de 1790. A sua introducção na ilha de Santo Antão effeituou-se já no correr do seculo actual.

Não obstante possuirem estas duas ilhas muitos terrenos adequados á plantação do café, e apesar de o produzirem tão bom como o da ilha de S. Thomé, e quasi rival do de Moka, correram debalde bastantes annos para o desenvolvimento d'esta util cultura. Porém, modernamente, tem tido algum impulso, que, se não é tal qual devêra ser, é, todavia, grande em relação ao tempo em que este ramo de agricultura, tão promettedor, esteve inteiramente estacionario n'aquellas duas ilhas. Em Santo Antão vae agora em notavel progresso esta cultura ao longo das principaes ribeiras, que a cortam e fertilisam, e o café que ahi se cria tem fama de ser o melhor de todo o archipelago de Cabo Verde.

O tabaco é outra planta que podia tambem só de per si felicitar as ilhas de Cabo Verde, onde nasce espontaneamente, crescendo com rapidez e vigor, embora desajudado dos homens. O melhor é o das ilhas do Fogo e de Santo Antão; porém até ha pouco só se cultivava n'esta ultima ilha, e em mui pequena escala. Diversas amostras, que d'alli vieram ha já annos e por differentes vezes, sendo enviadas pelo governo á fabrica de tabaco de Xabregas, foram ahi classificadas, depois de minucioso exame, eguaes aos tabacos de segunda qualidade de Kentucky e da Virginia. N'essas occasiões offereceram ao governo os caixas geraes do contrato do tabaco comprar annualmente alguns milhares de arrobas do tabaco egual ao das referidas amostras pelo mesmo preço por que pagavam aquellas duas qualidades dos Estados Unidos da America.

Que melhor incentivo se poderia desejar para a propagação de uma planta, que, dispensando os trabalhos da cultura, apenas exigia desvelos e algum trabalho na colheita, sécca e preparação das folhas; que melhor incentivo, dizemos, que a perspectiva de um mercado prompto para receber taes productos, mediante um preço lisongeiro anticipadamente estipulado? Pois de nada serviu o incentivo nos primeiros tempos decorridos posteriormente. Depois algum incremento, não grande, foi tendo aquella industria. Melhorou-se a cultura do tabaco e a preparação das suas folhas. A exportação na actualidade é pequena, mas tornar-se-ha importante, sem dúvida, logo que os habitantes de Santo Antão reconhecerem pela experiencia as grandes vantagens que d'alli lhes podem resultar.

O cacto da cochonilha foi introduzido nas ilhas de Cabo Verde no anno de 1839, devendo-se este beneficio ao governador geral do archipelago, João de Fontes Pereira de Mello, pae do actual sr. ministro da fazenda. Foi importado da ilha de Tenerife, e em breve se propagou nas ilhas de S. Nicolau, de Santo Antão e outras do mesmo archipelago, onde vegeta e se multiplica como se fôra indigena d'essas localidades. Veiu juntamente com este cacto o precioso insecto que lhe dá o nome e n'elle se cria.

A cochonilha é um insecto pequenino, que vive e sustenta-se pegado ás folhas d'este cacto, como as plantas parasitas que vemos pendentes dos troncos

das arvores. Colhe-se de dois em dois mezes, pois que se reproduz e se desenvolve de modo prodigioso. Faz-se a colheita raspando levemente as folhas do cacto com uma faca de pau ou de ferro, mas não cortante, ao mesmo tempo que se apara em uma bacia ou bandeja os insectos que se vão despegando. Depois lançam-se os insectos em agua fervente; tiram-se passados apenas alguns segundos, pondo-se a seccar á sombra; e séccos se vendem por bom preço, porque não ha carmim mais bello que o que d'elles se extrae. São as cochonilhas femeas que produzem esta tinta muito apreciada na industria e nas artes. Para reproducção deixa-se ficar pegada ás folhas, por occasião das colheitas, uma porção das cochonilhas femeas, que ahi morrem, inchando em seguida, depois seccando e mirrando-se, até que ao cabo de curto praso sae de dentro d'estes corpos resequidos uma infinidade de novos insectos.

Sendo examinada a primeira amostra de cochonilha de Cabo Verde, que veiu a Lisboa, pelo sr. dr. Bernardino Antonio Gomes, distinctissimo professor de medicina, e egualmente versado em outros conhecimentos humanos, declarou, em resultado das analyses a que procedeu, que a cochonilha de Cabo Verde de primeira qualidade (a que é sêcca em estufa) *é pelo menos egual, e talvez ate superior, á boa cochonilha americana;* e que a de segunda qualidade (a que é passada por agua a ferver) *mui pouco inferior é ainda em riqueza de principio corante á mesma boa cochonilha do Mexico.*

Com taes condições, accrescidas á facil multiplicação e rapido desenvolvimento do cacto em que se cria este insecto, que para mais vantagem até affronta as maiores sêccas sem prejuizo da sua força vegetativa, póde-se julgar dos excellentes resultados que tem a esperar a ilha de Santo Antão, se algum dia os seus habitantes se resolverem a cultivar este ramo da industria, que tão productivo está sendo em várias regiões da America.

Tambem foram levadas para a mesma ilha em tempos antigos a larangeira e a vide. A primeira tem-se propagado e prosperado, havendo hoje alli bastantes pomares, que recompensam amplamente o suor do cultivador. A segunda, pela influencia do clima, e tambem pela impropriedade do solo em que a plantaram [1], produz pessima uva, e um vinho similhante, ou talvez ainda inferior, ao verde que se colhe em a nossa provincia do Minho. O nome de *mijarreta*, com que é conhecido tal vinho em toda a ilha, dá certamente uma idéa exacta da sua qualidade.

Deixâmos de pôr n'este logar, por ser muito extenso, o catalago das arvores fructiferas, das hortaliças e das plantas leguminosas, medicinaes e outras ainda uteis na economia domestica, umas indigenas das regiões tropicaes, e outras oriundas dos paizes temperados da Europa.

Criam-se na ilha de Santo Antão todas as especies de gados que temos em Portugal. As especies mais abundantes são as do gado vaccum e cabrum, alli introduzidas pelos primeiros donatarios da ilha, e que por longos annos constituiram ahi o unico ramo da industria, tirando o creador rendimento da carne salgada e das pelles que exportava. Este commercio, posto que muito reduzido; o fornecimento de alguns bois para refresco dos navios que aportam a esta ilha ou á de S. Vicente; e o consumo que os habitantes fazem da carne de cabra, é o que entretem ao presente aquella criação. Os bois de Santo Antão são pequenos, mas muito fortes, e a sua carne, em virtude das boas pastagens, é excellente.

Tambem se criam n'esta ilha as principaes especies de aves que ha no reino.

1 Estão plantadas alli as vinhas em varzeas, ao longo das ribeiras, cuja fresquidão dá viço ás parras, e rouba á uva a parte sacharina.

Nas montanhas limita-se a caça a cabras montezas, sendo esta ilha a unica do archipelago em que se encontram estes animaes. Na caça do ar é que ha algumas variedades. Podem-se percorrer os logares mais selvagens e reconditos da ilha sem receio de se encontrar fera nem serpente.

São muito piscosos os mares em volta de Santo Antão. Além de não poucas variedades de peixes saborosos, taes como o cherne, a dourada, o pargo, a bicuda (especie de pescada), o salmonete, a sardinha e outros, e tambem algumas especies de mariscos, abundam aquellas aguas nos cetaceos que mais enriquecem o commercio, pelos productos que d'elles extrae a industria. Infelizmente, não se empregam n'esses trabalhos braços portuguezes, nem fica a estes parte alguma nos lucros que d'ahi resultam. Tem bandeira ingleza ou dos Estados Unidos da America os navios que andam continuamente n'aquelles mares empregados na pesca das baléas e dos cachalotes. Tambem acodem aqui em grande quantidade tubarões e toninhas.

São egualmente ricas as costas da ilha em tartarugas, e d'esta pesca não são os habitantes tão negligentes. Aproveitam-se para comer da saborosissima carne d'este crustaceo, bem como dos ovos; tambem fazem d'ella bom azeite para luzes; e vendem a casca para exportação, que, não obstante ser delgada, obtem soffrivel preço. Nas praias d'esta ilha encontra-se algum ambar.

Não é falta de riquezas a ilha de Santo Antão no reino mineral. Tem pedreiras de marmore, de pedra de cantaria e calcarea; e possue minas de ferro, cobre e enxofre. Dizem que se acham nas suas montanhas topazios, jacintos, granadas e amethistas. Ha tambem n'ella pedra pomes e várias nascentes de aguas ferreas e thermaes. São muito notaveis duas d'estas fontes, uma porque, mettendo-se n'ella por espaço de uma hora a pelle não curtida de qualquer quadrupede, despoja-a inteiramente do pello; e a outra porque o lodo, que está depositado no fundo d'ella, tinge instantaneamente de preto qualquer pelle curtida que n'elle se enterrar.

Antes de terminarmos este artigo, diremos aqui, já que o não fizemos em logar mais proprio, que, quando o curso dos descobrimentos dos portuguezes e dos hespanhoes tornou necessaria a demarcação dos limites das novas possessões dos dois povos da Peninsula Iberica, foi escolhida a ilha de Santo Antão para servir de ponto de partida d'essa linha divisoria estatuida pelo tratado de Tordesilhas, entre o nosso rei D. João II e os reis de Castella Isabel e Fernando, e confirmado pelo papa Alexandre VI no anno de 1493.

A vista da ilha de Santo Antão, que publicámos a pag. 261, no principio d'esta serie de artigos, foi copiada de outra que adorna o bello volume da *Africa Occidental*, do sr. Francisco Travassos Valdez. Foi d'esta interessante obra, bem como dos mui noticiosos *Ensaios sobre a statistica das possessões portuguezas no ultramar*, pelo fallecido official da armada portugueza, José Joaquim Lopes de Lima, que colhemos a maior parte das noticias com que urdimos estes artigos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

RATOS BRANCOS

Na antiguidade sómente era conhecida uma especie de ratos, essa que habita juntamente com o homem, e perniciosa se lhe torna pelos estragos que lhe faz nos predios e por tantos outros prejuizos que lhe causa. Todavia, os antigos naturalistas gregos e romanos estendiam a todos os roedores de corpo pequeno a denominação de *mus*, creada para designar particularmente o rato commum ou caseiro.

Os progressos da sciencia e as viagens dos sabios foram dando a conhecer novas especies, cujo numero tem augmentado modernamente por effeito de explorações zoologicas no interior de paizes nunca d'antes visitados por naturalistas.

M. Watrhouse, sabio e zeloso investigador dos segredos da natureza, publicou nos *Proceedings of the zoological society of London*, em o numero de fevereiro de 1837, um trabalho muito interessante ácerca das novas especies do genero *rato*. O illustre naturalista britannico descreve n'esse seu escripto vinte e quatro especies novas de ratos, que elle classifica, distribuindo-as por quatro subdivisões a que dá os nomes de *scateromys*, *orymycterus*, *abrothrix* e *calomys*.

De todas essas especies, uma das mais pequeninas de corpo é o rato das searas *(mus messorius)*, de que tratámos, mostrando-o em gravura, a pag. 37. A maior que se conhece é o rato gigante *(mus giganteus)*, natural da costa de Coromandel e de Bengala. Tem palmo e meio de comprimento, desde a extremidade do



Ratos brancos

focinho até á origem da cauda; e o comprimento d'esta é egual ao de todo o corpo.

O rato branco não constitue especie particular; é apenas uma variedade do rato commum, denominado por Linneu, na linguagem scientifica, *mus musculus*. Não apresenta esta especie sómente aquella variedade, mas ainda outras, nas quaes a differença da côr é o unico distinctivo. A mesma especie, portanto, contém ratos de côr parda, ou cinzenta clara, ou mais escura, e até quasi preta, outros côr de ganga ou amelada, e, finalmente, brancos. Todos, porém, não obstante essa differença, são eguaes na estructura, e tem a mesma natureza, o mesmo temperamento e instinctos identicos. A timidez é a qualidade predominante da sua indole, assim como a luxuria e a voracidade o que mais impera nos seus instinctos. A primeira obriga-os a procurar a escuridão e a fugir ao menor bulicio. A segunda léva-os a uma tão extraordinaria reproducção da especie, que se póde dizer, sem receio de exaggeração, que, se não fôra a perseguição que lhes movem tantos e tão diversos inimigos, racionaes e irracionaes, habitantes da terra e do ar; se não fôra as guerras que tem entre si proprios, estes animaes damninhos cobririam certamente a face da terra. A terceira, em fim, faz com que todas as vezes que não encontram alimento, e se sentem apertados da fome, se accommettam uns aos outros, travando-se encarniçada lucta, até que os mais fracos, vencidos, são devorados pelos vencedores.

Os ratos brancos são inteiramente alvos como a neve; e no meio d'essa alvura quasi resplandecente brilham, como dois rubis, os seus olhos vermelhos. Por estes dotes de belleza, que de certo modo disfarçam a natural repugnancia que os ratos inspiram á

maior parte da gente, não falta quem aprecie, conserve em casa e alimente os ratinhos brancos como animaes de recreio.

Em diversos paizes da Europa e da Asia, principalmente na China, ha muitas pessoas que os criam em perfeita domesticidade. Tambem ha em Lisboa quem tenha criação d'elles. De uma familia sabemos nós que os tem, e trata com tanto desvelo e cuidado como se fossem formosos coelhinhos, recebendo-os no regaço, deixando-os trepar acima dos hombros, em summa, dispensando-lhes toda a sorte de festas e carinhos.

Ao presente, cremos que os ratos brancos são conhecidos em todo o nosso paiz; pois que não haverá cidade nem villa, por certo, onde não tenham ido os *ratos sabios* dar mostra das suas habilidades em publico espectaculo, annunciado em cartazes de letras descommunaes. Por conseguinte, ninguem entre nós ignora a facilidade de aprender que tem os taes ratinhos, ou a infinita paciencia e muita arte dos mestres.

Alguns auctores pretendem que os ratos brancos sejam oriundos da Noruega, ou, pelo menos, do norte da Europa. Esta opinião é erronea, por quanto tem-se encontrado ratos brancos tanto nos paizes temperados, como nas regiões meridionaes e septentrionaes dos dois continentes.

Quando, em setembro de 1820, as portas da inquisição de Lisboa se abriram ao embate do povo, que, na embriaguez do enthusiasmo pela liberdade, foi seu primeiro pensamento salvar e trazer á luz as tristes victimas do Santo Officio, achou-se nos carceres um ratinho branco, que o seu descobridor trouxe vivo para fóra do edificio, e por muito tempo conservou pela novidade da côr e como memoria da destruição d'aquelle terrivel tribunal.

É tal a fecundidade das ratas brancas, que não parem menos de oito vezes no anno, tendo de cada vez seis a oito filhos. Bastam-lhes vinte e cinco dias para a geração e nascimento de cada ninhada.

No *Jardim das Plantas*, em Paris, tiram partido d'esta prodigiosa multiplicação, criando cuidadosamente os ratos brancos para servirem de pasto aos reptis que alli se conservam vivos entre aquella numerosa collecção de animaes de todas as regiões do globo. São as grandes serpentes, taes como a *boa*, chamada no Brasil *giboia*, a *trigonocéphala*, da America do Norte, a *crotale* e outras de enormes dimensões, que alli se nutrem de ratos brancos. A razão de lhes darem os ratos vivos é porque recusam, commummente, aquelles reptis comer um animal morto. Não se avalie, porém, a alimentação d'aquellas serpentes pela sua corpulencia. Precisando de muito tempo para fazerem a digestão, põem grandes intervallos, umas poucas de semanas e até mezes, entre uma e outra refeição. I. DE VILHENA BARBOSA.

OS SETE DEGRAUS DA VIDA

(EXCERPTO)

Contemos do berço... No primeiro degrau, eis a alma, chegada apenas hontem a esta mansão, e que, dilatando-se já ao sorriso maternal, aprende a amar ao mesmo tempo que aprende a respirar. Na segunda edade, dominando os seus orgãos, inicia-se nos thesouros accumulados pelas gerações passadas, e habilita-se para tomar utilmente o seu logar na harmonia da sociedade.

Apresenta-se um novo degrau, e o homem, tendo já comprehendido a idéa da familia, entra na grande e substancial idéa da patria, e para alli se conservar é mister que pratique acções generosas, que se sacrifique por ella nos campos da batalha, ou que preste qualquer outro serviço desinteressado que o acostume á abnegação, e complete assim a sua educação pelo exercicio formal de todas as virtudes.

Quando chega a quarta edade, o homem está prompto: trata de procurar a sua companheira, e, a final, vem a enraizar-se no genero humano, tornando-se o ramo de nova familia. É então que é preciso, contribuindo para a felicidade commum, pensar mais directamente em si, e fundar pelo trabalho o porvir e a independencia de seus filhos.

Na edade seguinte, fortalecido pela experiencia e gozando da estima publica, póde o cidadão dedicar á patria uma parte da vida, exercendo as funcções de confiança para as quaes for chamado ou eleito. Soará em breve a hora da velhice: é o momento do descanço, o domingo da vida; em vez de ser um periodo de afflicção e de inveja, é-o, pelo contrario, de benevolencia, de piedade e de recolhimento.

A escada da vida chegou ao termo, subiram-se já os sete degraus; é, pois, necessario apromptar-se para subir os mais sublimes com um passo mais firme, mais seguro e mais feliz. Tal é o segredo da morte. O homem não subiu gradualmente, durante a vida, para esta transfiguração final, senão para ganhar residencia melhor, mais perfeita fórma e virtudes mais solidas.

O PADRE D. GONÇALO DA SILVEIRA

(Conclusão. Vid. pag. 365)

O padre D. Gonçalo da Silveira (que assim se nomeou, por ser de uso entre os jesuitas a conservação d'aquelle prenome aos que o haviam de familia, até que isso lhes foi prohibido na segunda congregação ou capitulo geral da ordem) nasceu na villa de Almeirim, segundo a opinião dos biographos mais auctorisados, em 23 de fevereiro de 1526, a tempo que el-rei D. João III ahi residia com a corte, como era do costume durante os mezes proprios do exercicio da caça.

Nobilissimo por ascendencia, teve por paes D. Luiz da Silveira, primeiro conde da Sortelha, guarda-mór da pessoa do sobredito rei, e alcaide-mór de Alemquer [1], e a condessa sua esposa, D. Brites de Noronha (outros lhe dão o appellido de Coutinho), filha do marechal do reino D. Fernando Coutinho.

Foi na ordem do nascimento o mais novo e ultimo de dez irmãos, que a condessa deu á luz, custando-lhe a vida este derradeiro parto. Por morte de seu pae, fallecido poucos annos depois, o tomou para casa, encarregando-se da sua educação, Luiz Alvares de Tavora, senhor de Mogadouro, seu cunhado, casado com sua irmã D. Filippa de Vilhena; e aprendidos os primeiros rudimentos das letras, o entregou aos cuidados dos padres franciscanos do convento de Santa Margarida, situado nas margens do Douro, da parte de Castella, para que se desenvolvesse no estudo da grammatica, e nos principios da moral christã. Ahi foi que de mistura com os preceitos escholares se lhe embeberam na alma a affeição á vida aspera, o desprezo das grandezas e vaidades do mundo, e o desejo de agradar a Deus para merecer com elle a eterna bemaventurança.

Aos dezesete annos de edade seu irmão mais velho, o conde D. Diogo, o mandou ir para Coimbra, a fim de seguir os estudos, assignando-lhe para residencia o celebre e antigo mosteiro de Santa Cruz, dos conegos regrantes de Santo Agostinho. O exemplo da sua vida servia de espelho e inveja á universidade, então frequentada pela mocidade mais luzida de todo o reino, que em D. Gonçalo via e admirava (como dizem os seus biographos) mais um anjo do ceo que um homem da terra.

[1] Foi pessoa de notavel engenho e dado ás letras. É auctor de varias poesias, que Garcia de Resende recolheu e colligiu no seu *Cancioneiro geral*, onde podem ver-se a folhas 122, 123, 124, 126, 127, 128 a 130, 145, 147, 149, 151, 153, 176, 177, 181 e 182; além de uma traducção tambem em verso do *Ecclesiastes*, que egualmente se lhe attribue, e anda no *Cancionero general* hespanhol.

Haviam chegado por esse tempo a Coimbra os primeiros jesuitas, que de Lisboa começavam a espalhar-se pelas terras principaes do reino com o fim de propagar o seu instituto. Experimentaram de principio toda a sorte de contrariedades, recebidos não só com indifferença, mas ainda com repugnancia e aversão, como largamente confessa o seu historiador Balthasar Telles por todo o livro I da *Chronica da Companhia*, e em especial pelo que respeita a Coimbra no cap. XXI. Tidos e avaliados na conta de idiotas, e, o que mais era, como suspeitos na doutrina, por serem os mais d'elles estrangeiros, chamavam-lhes por desprezo *franchinotes*, e todas as classes fugiam do seu contacto, evitando-os cautelosamente como homens apestados. Pouco tardou, porém, que as coisas tomassem um aspecto diverso e mais favoravel para os discipulos de Ignacio. Um dos novos confrades, o irmão Manuel Godinho, concorreu mais efficazmente (refere-o o mesmo chronista) para esta metamorphose. Introduzindo-se disfarçadamente na universidade, occultando no trajo de estudante os laços que o prendiam ao instituto, alcançou insinuar-se no animo de seus novos collegas, e com praticas persuasivas ganhar as vontades de alguns, que mais indomaveis pareciam. Varios mancebos pertencentes á primeira nobreza correram a pedir a roupeta da Companhia, e um dos que primeiro lhes abriu caminho foi o nosso D. Gonçalo, entrando no noviciado em 9 de junho de 1543.

Todos os parentes, ao constar-lhes esta impensada resolução, manifestaram o mais formal descontentamento, e não pouparam meios e diligencias para dissuadil-o do seu proposito. Por ultimo, dirigiram-se a Coimbra, levando á frente o conde seu irmão, e, conseguindo fallar-lhe, o exhortaram em termos energicos, encarecendo-lhe o mal que tinha obrado, e como deshonrava sua casa e familia, indo viver entre homens tidos e havidos em tão pouca estimação; instando-o para que saisse, pois a querer abraçar o estado religioso, não lhe faltavam ordens antigas e auctorisadas, onde podia bem servir a Deus e ser util á egreja. Não foram poderosas estas razões, nem as mais que adduziram, para abalar, levemente que fosse, a firme determinação de D. Gonçalo. A final tiveram de retirar-se, deixando-o entregue ao seu destino, para não perderem mais palavras e tempo.

Mal poderiamos em tão estreitos limites, como os que nos são impostos, compendiar o muito que anda escripto relativamente á vida, virtudes e trabalhos apostolicos d'este servo de Deus e nosso patricio. Podem, os que o desejarem, ver tudo circunstanciado e amplamente descripto na *Vida del bienaventurado padre Gonzalo de Sylveira*, composta em latim pelo confrade Nicolau Godino, e vertida em castelhano por Bernardo de Cienfuegos, de cuja edição feita em Madrid no anno de 1614, dedicada ao conde da Sortelha D. Luiz da Silveira, sobrinho do mesmo veneravel padre, temos presente um exemplar; ou no que do mesmo assumpto escreveu o padre Antonio Franco, na sua *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, tomo II, de pag. 1 a 63.

Fazendo por abreviar tanto quanto seja possivel a nossa narrativa, diremos que D. Gonçalo, prefeito o anno do noviciado, professou no 1.º de novembro de 1544; e achando-se já ordenado presbytero, partiu em 1550 com destino para Roma em serviço da ordem, por mandado do provincial Simão Rodrigues. N'esta jornada, em que seguiu caminho por Hespanha, tomou por obediencia o grau de doutor em theologia na universidade de Gandia. Teve, porém, de regressar promptamente a Portugal, determinando-o assim o mesmo provincial, para comprazer aos desejos manifestados por el-rei D. João III, de que o padre viesse empregar-se nas missões do reino, onde se esperavam da sua doutrina avantajados fructos. E de feito missionou nos annos de 1551 e seguintes, com grande proveito das almas e reformação dos costumes em Coimbra, Braga e outras terras do Minho, e successivamente no Porto e em Thomar, exemplificando as palavras com as obras, caminhando sempre a pé, recolhendo-se nos hospitaes, e pedindo pelas portas o sustento preciso, que repartia com os pobres. Proseguia n'esta occupação com fervoroso zelo, quando em 1553, dando-se principio á casa professa de S. Roque de Lisboa, foi elle escolhido para seu primeiro preposito, ao que não pôde escusar-se. Veiu, pois, tomar posse do cargo, e o desempenhou por modo que a fama de suas virtudes ia augmentando de dia para dia.

Incendido em desejos de passar á India a trabalhar na conversão dos infieis, e ancioso de obter a gloria do martyrio, solicitou para isso licença de Santo Ignacio, a qual conseguiu; e vencidas, não sem grande trabalho, as difficuldades que na corte se lhe oppunham, pôde em fim embarcar-se no principio de 1556, com treze companheiros repartidos por diversas naus; e depois de breve detença em Moçambique, aportou a Goa a 6 de setembro com prospera viagem. Alli recebeu a patente de provincial da India, que Santo Ignacio lhe mandava de Roma, e começou a intender nas coisas d'este cargo, visitando as residencias, e provendo efficazmente no que como tal lhe cumpria. Findos os tres annos do governo entregou o provincialato ao seu successor, e preparou-se para ir prégar aos gentios, como unico intuito que o levára áquellas partes, esperando impaciente que se lhe proporcionasse ensejo para ver satisfeitas as suas aspirações.

Pouco depois aconteceu que o capitão de Moçambique Sebastião de Sá enviasse pedir em Goa ao vice-rei (que era então D. Constantino de Bragança) alguns sacerdotes para missionarem em Inhambane e n'outras terras visinhas, onde havia boas esperanças de introduzir o christianismo. Sabendo isto o padre D. Gonçalo requereu com grandes instancias ao provincial que lhe concedesse licença para ir n'esta missão, o que obteve com muito custo, por ser difficil ao provincial privar-se da valiosa cooperação de tão util e dedicado obreiro. Partiu, em fim, de Chaul com tres companheiros a 5 de janeiro de 1560, e chegou a Moçambique sem maior contratempo.

Depois de brevissima demora seguiu d'alli para Inhambane, terra doentia, padecendo na jornada gravissimos incommodos, até chegar em fim á cidade de Tonga, capital d'aquelle reino, situada a trinta legoas de distancia pela terra dentro. Foram elle e seus companheiros bem acolhidos do rei, que lhes deu licença para prégarem, e o fizeram com tal fructo, que em poucos dias converteram á fé e baptisaram para mais de quinhentos cafres, inclusivé o proprio rei e a rainha. Deram áquelle o nome de Constantino e a esta o de Catharina, em obsequio e memoria (como se costumava) da rainha de Portugal e do vice-rei da India.

Contente d'este resultado, o padre D. Gonçalo, deixando alli seus dois companheiros para continuarem os trabalhos da catechese (que tiveram de abandonar ao cabo de dois annos por motivos cuja narração exigia maior espaço), retirou-se para Moçambique, com a intenção de passar ao Monomotapa. Feitas para esse fim as disposições e aprestos necessarios, deu á vela em um navio ligeiro, tripulado por seis portuguezes, saindo de Moçambique em setembro de 1560. Depois de tormentosa viagem, em que esteve por vezes no risco de perder-se, chegou a Sena, termo da navegação. D'alli mandou pedir ao rei de Monomotapa permissão para entrar no reino e ir á sua presença. Obtida que foi, poz-se a caminho, e atravessando larga extensão de terra com grandes soffrimentos de fomes, sêdes e calmas, entrou na cidade principal, que dá o nome a todo o estado, no 1.º de janeiro de 1561. O rei cafre o recebeu com mostras de especial agrado,

fazendo-o assentar na propria alcatifa em que elle estava com a rainha sua mãe, e lhe fez grandiosas offertas de oiro, bois e herdades; o que tudo o padre recusou, com grande espanto do rei ao ver tamanho desinteresse, despedindo-o a final com palavras de muito amor e cortezia.

Começou o padre a prégar a lei de Christo, e pareceram os animos tão dispostos, que o proprio rei foi o primeiro a pedir o baptismo, seguindo-lhe o exemplo sua mãe e os principaes da sua corte. Depois de instruidos nos mysterios da fé, D. Gonçalo os baptisou, impondo ao rei o nome de Sebastião e á rainha o de Maria. Aconteceu isto em 25 de janeiro, e, passados poucos dias, o numero dos convertidos chegava já a trezentos. Estava todo o povo abalado e disposto a abraçar a nova crença, quando as intrigas dos moiros conseguiram desfazer tudo. Quatro d'estes, que tinham valimento com o rei, conseguiram persuadil-o a que a sua vida corria imminente perigo, porque o caciz dos portuguezes, a quem elle tantas honras fazia, não era mais que um espião, que viera por ordem do vice-rei da India e do capitão de Sofala solicitar os animos do povo contra seu rei e senhor, e depois dar aviso para que o viessem conquistar. Que o padre era um grande feiticeiro, e que todos aquelles que deixassem lavar as cabeças pronunciando as palavras dos cangarios (era o nome que davam aos portuguezes), na mesma hora lhe ficavam sujeitos para mais não se desligarem.

Ouvidas estas razões, o negro rei deixou-se persuadir, e, transmudado o amor em odio, propoz logo de mandar tirar a vida ao padre, antes que elle e os seus viessem a tal perigo. Do mesmo parecer foi a rainha. Anteviu D. Gonçalo o que estava para acontecer-lhe (dizem alguns biographos que o soubera por divina revelação), e dando conta da traição urdida pelos moiros a Antonio Cayado, portuguez alli estabelecido, e que lhe servíra de introductor e interprete: «Bem sei (disse) que el-rei anda traçando a minha morte, a qual me não tomará sem apparelho.» Mostrou-se por então incredulo o Cayado, que cabia muito com o rei, e pretendeu dissuadir o santo sacerdote de perversas intenções da parte d'aquelle principe: mas sabendo depois a realidade d'ellas, procurou justificar a innocencia do padre, e chegou a crer que o conseguíra. Não o creu, todavia, D. Gonçalo, e para logo começou a fazer suas disposições, como quem sabía ser vinda a sua hora, e que n'aquelle dia tinha indefectivelmente de dar a vida por Christo. Celebrou missa, ainda com maior fervor que o costumado, e baptisou com ardente caridade não menos de cincoenta pessoas. Mandou chamar dois outros portuguezes que andavam na corte, a titulo de cumprirem com o preceito quaresmal, e confessados que foram os despediu, sem comtudo lhes declarar a sorte que esperava. Indo a tarde já adiantada, vestiu uma roupeta nova, e, paramentando-se de sobrepelliz e estola, poz-se em oração diante de um crucifixo, esperando tranquilla e resignadamente a morte.

Os cafres encarregados da execução espreitavam por vezes o padre pelas fendas da choupana que lhe servia de casa; porém resolveram não entrar em quanto o viam desperto, esperando que adormecesse. Passára D. Gonçalo até alta noite orando, e passeiando por intervallos para não ser vencido do somno, até que, não podendo já resistir-lhe, recostou-se abraçado com o crucifixo sobre uma esteira de canas. Os assassinos que isto esperavam, não quizeram maior delonga, e entrando sem embaraço ou resistencia, uns o tomaram pelos pés e braços levantando-o ao ar, em quanto outros lhe lançaram ao pescoço uma corda com seu nó corredio, e com ella o afogaram, lançando, segundo se diz, grande cópia de sangue pela boca. Tendo exhalado os ultimos alentos, os algozes levaram o cadaver de rastos até ao rio Mutate, em cujas aguas lhe deram sepultura, segundo a recommendação que haviam recebido, para que o corpo de um tão grande feiticeiro não causasse peste na terra!

O barbaro rei, não ainda satisfeito, mandou tirar a vida aos cincoenta christãos que o padre baptisára n'aquelle ultimo dia. Porém, vencido depois das representações e ameaças dos portuguezes e de seus proprios subditos, convertidos, que choravam a morte de D. Gonçalo como a de um pae amoroso, arrependido do que fizera, tomou nova resolução, egualmente conforme á sua bruteza. Decretou a morte não só dos moiros que o induziram, mas de todos os seus conselheiros, e, o que é mais, a de sua propria mãe!

Eis o fim do padre D. Gonçalo, se lastimoso e deploravel aos olhos do mundo, mui ditoso para elle, que trocava as miserias da vida caduca pelos gozos da eterna bemaventurança. Foi o seu transito aos 16 de março de 1561, quando contava trinta e seis annos de edade, e quasi dezoito de religioso.

Além da miuda narrativa da sua vida e acções pelos padres Godino e Franco, a que já nos referimos acima, fazem d'elle commemoração mais ou menos abreviada todos os escriptores nacionaes e estrangeiros que trataram em geral das coisas da India, e em particular das da Companhia. Como obsequio á memoria do nosso compatriota illustre, apontaremos aqui em resenha os nomes dos que temos á vista ou nos chegaram á noticia.

São elles: dos nacionaes, Balthasar Telles, na *Chronica da Comp.*, p. I, lib. I, cap. 22, e p. II, lib. IV, cap. 29; — Sousa, *Oriente conquist.*, conq. I, div. II, e conq. V, div. II; — Cardoso, *Agiologio*, tomo II, pag. 190 e 197; — padre Francisco de Santa Maria, *Anno historico*, tomo I, pag. 458; — Barbosa Machado, *Bibliot. lus.*, tomo II; — Guerreiro, *Gloriosa coroa, etc.*, p. II, elog. 3.º; — Faria e Sousa, *Asia portug.*, tomo III, p. III, cap. 23; — Andrade, *Chronica de D. João* III, p. IV, cap. 118; — padre Francisco de Mattos, *Vida de S. Ignacio*, lib. III, cap. 10; — Castro, *Mappa de Portug.*, tomo III, pag. 272 (da primeira edição); — Menezes, *Chronica de D. Sebastião*, p. I, cap. 38; — Camões, *Rimas*, soneto XXXVII; — padre Vasconcellos, *Descript. lusit.*, pag. 502 et 517; — Canaes, *Estudos biograph.*, pag. 192; — Paiva de Andrade, *Orthodoxarum explicat.*, lib. I.

É dos estranhos:

D'Oultreman, *Tableau des personnages signalés de la Compagnie;* — Franc. Sacchino, *Hist. Societ. Jes.*, p. II, lib. V, n. 229; — Orlando, *Hist. Societ.* p. I, lib. IV, n. 97, lib. VIII, n. 8, lib. XI, n. 71, lib XIII, n. 52, et lib. XVI, n. 2; — *Imago primi sæculo Societ. Jes.*, lib. IV, cap. 13; — Camargo, *Chron. Sacra* ad 1556; — S. Roman, *Hist. de la Ind. Oriental*, lib. IV, cap. 28; — Nadasi, *Ann. dier. Mem. S. J.*, p. I, pag. 141; — Jarric, *Thes. rer. Ind.*, tomo I, cap. 16, tomo II, cap. 3 e 10, e tomo III, cap. 42; — Mapheo, *Hist. Ind.*, lib. XVI, et lib. II *Epist.*, epist. IV; — Lafitau, *Hist. des conq. des portugais*, tomo II, pag. 682; — Ribadeneyra, *Vid. de S. Ignacio*, lib. II, cap. 9, e *Vid. do padre Laynes*, lib. II, cap. XI, e in *Cent. Mart.*, pag. 187; — Gusman, *Hist. da Ind.*, lib. III, cap. 13; — Surio, *Comm. ad ann.* 1540, pag. 273 e 274; — Alanus, *Copus Dial.*, VI, cap. 42; — Carrilho, *Annaes chron. de Hesp.* lib. VI; — Spinello, *Throno Virg.*, cap. 20; — Balinghem, *Kal. Virg.*, a 15 de março; — Alegambe, in *Cent. Mart.* pag. 560; — Eusebio, *Varões illustres da Comp.*, tomo II, pag. 122; — Tanner, *Societ. Jes. usque ad vit. e sang. efus. milit.*, pag. 156; — Cretineau Joly, *Hist. de la Compagnie*, troisième edition, tomo I, pag. 399, etc., etc.

É provavel que haja ainda muitos outros, que n'esta occasião nos não occorrem.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.